



5º Simposio de Ensino de Graduação

ANÁLISE ESTRUTURAL DO CONTO BERENICE - EDGAR ALLAN POE

Autor(es)

DANIELA RODRIGUES FELICIANO

Orientador(es)

Josiane Maria de Souza

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o conto “Berenice” de Edgar Allan Poe, segundo as abordagens de Roland Barthes apontando os elementos estruturais da narrativa. O personagem protagonista que é dominado por uma monomania, possui um incontrolável desejo pelos dentes de Berenice.

2. Objetivos

Análise Estrutural Os elementos estruturais foram agrupados em 5 seqüências (S): S1 – Lembranças/recordações da infância, da juventude e da maturidade de Egeu; S2 – Comparação da conduta de vida dos personagens Egeu (narrador protagonista) e Berenice; descrição de suas respectivas doenças: monomania e epilepsia; S3 – Contemplação dos dentes de Berenice; S4 – Suposta morte e enterro de Berenice; S5 – Constatação do “ataque cirúrgico” ao corpo de Berenice executado por Egeu.

3. Desenvolvimento

Seqüência 1: “A desgraça é variada. (...) mas, na realidade, a minha absoluta e única existência.”. A 1ª seqüência é caracterizada pelas lembranças do narrador. Apenas no meio do 1º parágrafo que descobriremos que o narrador é personagem do conto através da utilização do “eu”. Nos parágrafos seguintes percebemos que, além do narrador ser personagem, ele é o protagonista da história, pois começa revelando seu nome – Egeu – e conta sua vida, lembranças de sua infância, juventude e maturidade. O narrador nos revela ainda que desde muito jovem optou pelos livros ao invés das brincadeiras e despreocupações de crianças, o que fez com que a biblioteca se tornasse o principal lugar de seu “refúgio”. E ainda que na sua maturidade as realidades do mundo eram consideradas, por ele, visões e que apenas suas idéias e devaneios eram sua real existência. Seqüência 2: “Berenice e eu éramos primos (...) e eu a contemplara... não como um objeto para amar, mas como o tema da mais abstrusa, embora inconstante, especulação.” A 2ª seqüência é iniciada pela revelação de um nome e do parentesco de uma moça: Berenice, prima do narrador protagonista. Esta seqüência é marcada pela descrição e comparação da

conduta de vida de ambos. O narrador nos revela que tanto ele, quanto ela era portadores de doença: ele, que sempre viveu de má saúde, assumiu um caráter de monomaniaco e que piorava a cada dia em conseqüência da primeira e fatal doença de Berenice – “epilepsia que terminava em catalepsia, da qual acordava repentinamente”. E a seqüência se desenvolve na explicação e descrição da monomania do narrador justificando a maneira pela qual ele amava Berenice e nos leva a levantar a hipótese de que Berenice tornara-se seu objeto de atenção. Nesta seqüência há um dos mais importantes informantes: a duração da monomania do narrador - “Através do crepúsculo matutino, entre as sombras estriadas da floresta, ao meio-dia, e no silêncio de minha biblioteca, à noite, esvoaçara ela diante de meus olhos e eu a contemplara...”. Seqüência 3: “E agora... agora eu estremecia na sua presença (...) entre as luzes mutáveis e as sombras do aposento.” A seqüência 3 inicia-se como que na volta para a realidade, sanidade. E é nesta seqüência que as funções cardinais vão aparecer com mais freqüência. É também que o narrador vê os dentes de Berenice e numa contemplação ininterrupta muda de objeto de atenção: da Berenice para seus dentes. Mas por que os dentes? Talvez porque, naquela época de sua doença, nada mais era belo em sua fisionomia, nada mais tinha sinais de alegria e beleza, nenhum sinal de agilidade, graça e exuberância “nenhum vestígio da criatura de outrora se vislumbrava numa linha sequer de suas formas”... As únicas coisas ainda perfeitas em Berenice eram os dentes. Seqüência 4: “Afinal explodiu em meio de meus sonhos um grito (...) corri para fora daquele quarto de mistério, de horror e de morte...” A 4ª seqüência inicia-se com a palavra “afinal”, nos dá uma idéia de que o personagem estava esperando alguma coisa acontecer para despertá-lo do encanto dos dentes de Berenice e, em meio ao sonho, um grito faz com que haja uma total mudança de assunto e de foco narrativo – antes, sentado lembrando dos dentes. Agora, em pé, diante da notícia da morte de Berenice. Nesta seqüência encontramos indícios para justificar a hipótese que Berenice ainda estava viva e que, provavelmente, encontrava-se numa das crises de catalepsia, na qual parecia estar morta: “Ter-se-ia meu cérebro transviado? Ou o dedo da defunta se mexera no sudário que a envolvia? (...) Haviam-lhe amarrado o queixo com um lenço, o qual, não sei como, se desatara. Os lábios lívidos se torciam numa espécie de sorriso...”. O narrador desejava que Berenice estivesse morta, pois só assim poderia possuir os seus dentes: “o cheiro característico do ataúde me fazia mal e imaginava que um odor deletério se exalava já do cadáver”. Seqüência 5: “Achei-me de novo sentado na biblioteca (...) que se espalharam por todo o assoalho.” Na 5ª seqüência encontram-se o clímax e o desfecho do conto. A biblioteca por influência do narrador será o último espaço dos acontecimentos. Eis a prova de que a epígrafe se justifica no decorrer da história: ela está contida numa das “páginas abertas de um livro, sobre uma sentença sublinhada” e é um indício de que o narrador foi ao túmulo de Berenice – talvez, influenciado pela própria frase sublinhada e aberta em sua mesa.

4. Resultados

Nível Distribucional Funções Cardinais e Catálises: As funções cardinais (F) presentes no conto Berenice, percebemos que ora o narrador as utiliza para recordar os fatos, ora para narrá-los. As catálises (C) têm a função de descrever os personagens, sua vida - seja ela marcada pela saúde ou pela doença - elas também têm a função de expressar os pensamentos e expor as lembranças do narrador. Nível Integrativo Informantes e Indícios: No nível integrativo é necessário destacar os principais indícios (I) e informantes (If), que são a própria dinâmica de cada seqüência. Como em outros contos de Poe, a epígrafe é o primeiro elemento que desperta a curiosidade e o interesse do leitor. Ao lermos o conto percebemos que a epígrafe – se justificará e, com isso, podemos afirmar que ao iniciar o texto com um indício, Poe acentua ainda mais a característica de “fantástica” à narrativa.

5. Considerações Finais

Seqüência 5: F19 – “Achei-me de novo sentado na biblioteca, e de novo ali estava só. Parecia-me que, havia pouco, despertara de um sonho confuso e agitado”. F20 – “Tentava decifrá-la, mas em vão; e de vez em quando, como o espírito de um som evadido, parecia-me retinir nos ouvidos o grito agudo e lancinante de uma voz de mulher. Eu fizera alguma coisa; que era, porém? Interrogava-me em voz alta e os ecos do aposento me respondiam: Que era?”. F21 – “... por que estremecia eu ao contemplá-la?”. F22 – “Por que,

então, ao lê-las, os cabelos de minha cabeça se eriçaram até a ponta, e o sangue de meu corpo se congelou nas veias?” F23 – “Uma leve pancada soou na porta da biblioteca. E, pálido como o habitante de um sepulcro, um criado entrou, na ponta dos pés”. F24 – “Ouvi frases truncadas. Falou-me de um grito selvagem, que perturbara o silêncio da noite...” F25 – “... sua voz se tornou penetrantemente distinta, ao falar-me de um túmulo violado... de um corpo desfigurado, desamortalhado, mas que ainda respirava, ainda palpitava, ainda vivia!”. F26 – “Apontou para minhas roupas”. F27 – “Eu nada falava e ele pegou-me levemente na mão”. F28 – “Chamou-me a atenção para certo objeto encostado à parede”. F29 – “Com um grito, saltei para a mesa e agarrei a caixa que nela se achava. Mas não pude arrombá-la”. As funções acima fazem parte do desfecho do conto. Mas será somente a partir da (F23) que chegaremos ao clímax e num final cheio de intriga; fazendo com que o leitor, induzido pelos indícios, tire sua própria conclusão. ****

C22 – “Sabia que era então meia-noite e bem ciente estava de que, desde o pôr-do-sol, Berenice tinha sido enterrada. (...) Sua recordação, porém, estava repleta de horror, (...) medonhas e ininteligíveis recordações”. C23 – “Sobre a mesa, a meu lado, ardia uma lâmpada e, perto dela, estava uma caixinha. (...) Eram as palavras singulares, porém simples, do poeta Ebn Zaiat: Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantulum fore levatas”. C24 – “Sua fisionomia estava transtornada de pavor e ele me falou numa voz trêmula, rouca e muito baixa. Que disse?”. C25 – “... no meu tremor, ela deslizou de minhas mãos e caiu com força, quebrando-se em pedaços. E dela, com um som tintinante, rolaram vários instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e duas coisas brancas, pequenas, como que de marfim, que se espalharam por todo o assoalho”. As últimas catálises exercem papel fundamental para a narrativa ser coesa e coerente. Serão através da descrição e explicação de alguns fatos é que vamos ‘colher’ indícios e informantes para justificar algumas ações e, principalmente ‘dar uma solução’ para a monomania do narrador em relação a posse dos dentes. ****

I15 – “Parecia-me que, havia pouco, despertara de um sonho confuso e agitado”. I16 – “Mas, do que ocorrera durante esse tétrico intervalo, eu não tinha qualquer percepção positiva, ou pelo menos definida (...) terror mais terrível porque ambíguo”. I17 – “... e de vez em quando, como o espírito de um som evadido, parecia-me retinir nos ouvidos o grito agudo e lancinante de uma voz de mulher. Eu fizera alguma coisa; que era, porém?”. I18 – “Sobre a mesa, a meu lado, ardia uma lâmpada e, perto dela, estava uma caixinha”. I19 – “... e meus olhos, por fim, caíram sobre as páginas abertas de um livro (...) e o sangue de meu corpo se congelou nas veias?”. I20 – “...um grito selvagem, que perturbara o silêncio da noite...”. I21 – “...um túmulo violado...”. I22 – “... um corpo desfigurado, desamortalhado, mas que ainda respirava, ainda palpitava, ainda vivia!”. I23 – “...minhas roupas; estavam sujas de barro e de coágulos de sangue”. I24 – “...nas mãos; havia, gravadas nela, sinais de unhas humanas”. I25 – “... era uma pá”. I26 – “... com um som tintinante, rolaram vários instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e duas coisas brancas, pequenas, como que de marfim...”. ****

If27 – “Sabia que era então meia-noite e bem ciente estava de que, desde o pôr-do-sol, Berenice tinha sido enterrada”. If28 – “...e eu freqüentemente a vira antes, pois pertencia ao médico da família...”. If29 – “...saltei para a mesa e agarrei a caixa que sobre ela jazia. Mas não pude arrombá-la; e, no meu tremor, ela deslizou de minhas mãos e caiu com força, quebrando-se em pedaços”. Todos os indícios desta seqüência levam-nos a concluir que Egeu – influenciado pela frase do poeta Ebn Zaiat – foi até o túmulo de Berenice e violou-o. E, ao desenterrar o caixão da defunta, depara-se com ela viva: os gritos e as marcas de unhas em suas mãos revelam que Berenice ainda encontrou forças, apesar da doença, para tentar impedi-lo. E, talvez para disfarçar, colocou os dentes dela na caixinha que pertencia ao médico da família. Porém, o conto nos deixa a dúvida se Berenice morreu ou não depois que Egeu arrancou-lhe os dentes. Se analisarmos (I23) perceberemos que os criados chegaram ao túmulo depois de Egeu ter arrancado os dentes de Berenice e, asseguraram-no de que “ainda respirava, ainda palpitava, ainda vivia!” o que nos leva a concluir que Berenice ainda estava viva.

Referências Bibliográficas

POE, Edgar Allan. *Berenice* - Conto.

BARTHES, Roland. *Narrativa - Elementos Estruturais*.

